

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 286

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis. (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignattas tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

O ESPIRITO DEMOCRATICO

No dia 10 d'agosto de 1792, a França tinha na fronteira, ameaçada pelos austriacos e pelos prussianos, tres exercitos em condições de grande inferioridade.

A falta do numero, dos fardamentos, do armamento, juntava-se a demissão e a deserção dos officiaes e a indisciplina dos soldados. Dois terços dos officiaes do exercito de linha pediram a demissão, desertaram, ou emigraram.

Nós chamamos para estes factos a attenção dos leitores, que tanto se enthusiasmaram com os nossos artigos *O Espirito das Tuherias*. Pois este, que intitulámos *O Espirito Democratico*, são a natural conclusão dos outros.

Não viram tudo, então. Vejam o resto agora. Reparem que o exercito foi sempre uma palavra vã em todos os regimens despoticos, desde que surgiu o direito moderno. Viram já o estado a que elle chegou em França no tempo de Luiz XVIII, Carlos X e Napoleão III. Vejam agora o estado em que elle estava no tempo de Luiz XVI. E verão a seguir como o espirito democratico soube fazer d'esse exercito miseravel o primeiro exercito do mundo.

Estes estudos encerram grandes e utilissimas lições.

Dois terços dos officiaes do exercito de linha pediram a demissão, desertaram ou emigraram. Attendam ao sentimento patriótico que os reaccionarios demonstraram sempre, em qualquer epocha e em qualquer paiz do mundo.

A guarda avançada do exercito do Rheno devia ser dirigida por quatro marechaes de campo. Um d'elles, Restalozzi, desertava; outro, Dulac, pedia a demissão porque as coisas, dizia elle, iam muito mal. Só ficaram dois: Kellermann, e um inglez, Sheldon!

De cinco tenentes generaes que devia ter o exercito do Norte, Lafayette só encontrou dois; e de seis ajudantes generaes só tres lhe appareceram.

O regimento 88 d'infanteria, o 15 de cavallaria, e o 4 e 1 de hussards, passaram em massa para o inimigo.

Vejam isto os pessimistas e os ignorantes que vão procurar á nossa historia as deserções dos fidalgos no tempo do Mestre de Aviz, e as deserções e traições de officiaes e soldados no tempo dos francezes, para concluir que a raça portugueza foi sempre uma raça inferior, esteril, perdida.

A deserção do 4 de hussards causou a mais viva impressão,

por se ter dado já tres semanas depois da declaração de guerra, e por não ter ficado no campo francez nem um só soldado d'esse regimento.

As deserções continuaram sem cessar até ao dia em que os allia-dos invadiram o territorio francez. Muitissimos officiaes só desertaram no ultimo momento. Foram-se conservando para servirem d'espíes! O major Longwy havia recebido seis mil libras para manter a espionagem.

Lafayette (que mais tarde atraiçouoou tambem a causa da liberdade e da nação, escrevia ao ministro da guerra que a desconfiança dos soldados para com os officiaes era terrivel, mas justissima. Biron escrevia ao mesmo ministro (1) que os soldados estavam tão habituados a ser trahidos e enganados por aquelles que os commandavam e que elles viam diariamente desertar para o inimigo, que a sua desconfiança, por tudo e por todos, era naturalissima.

«Consideravam a maior parte dos officiaes como *aristocratas*, sempre promptos a pactuar com o invasor. Todo aquelle que tinha uma particula de fidalgo passava por traidor. A 6 de setembro, apresentava-se á *Assemblée* um official de infanteria, delegado pelo corpo d'exercito que acampava junto dos muros de Huningue, pedindo que nomeassem commandante um homem que não fosse nobre. Indicamos, accrescentava, o sr. Terrières. Não corre nas suas veias sangue corrompido. Não pertence a essa casta, que tem produzido tantos crimes e tão poucas virtudes.» (Arthur Chuquet—*La Première Invasion Prussienne.*)

Vão vendo os leitores como os regimens condemnados estabelecem em toda a parte a mais profunda corrupção. Vão vendo, e não farão tollice se ligarem alguns d'esses factos com o que ainda hoje se passa no exercito francez com os officiaes reaccionarios.

Pelos motivos que ficam referidos, e outros, introduziu-se uma pavorosa indisciplina nas fileiras. Eram insubordinações por toda a parte. Os soldados correspondiam-se directamente com as auctoridades civis e com os deputados, e faziam todos causa commum contra os chefes militares. Guarnições inteiras se revoltavam contra os novos regulamentos. Um regimento de suissos, que se insubordinou d'uma maneira grave, entrou em Paris acclamado ruidosamente pela população. Outros roubavam o cofre e vendiam os cavallos.

(1) Estas cartas existem no arquivo do ministerio da guerra francez.

Isto na tropa de linha. Com os voluntarios, ainda peor.

Parecia que a França ia desaparecer n'uma dissolução geral.

Para cumulo de desgraças, ás deserções e traições dos officiaes, e á indisciplina dos soldados, juntava-se a rivalidade e a desintelligencia dos generaes. Uns queriam uma guerra d'invasão, outros uma guerra simplesmente defensiva. Uns entendiam que se devia marchar para a direita, outros que se devia marchar para a esquerda. Insultavam-se uns aos outros. Insultavam o ministro da guerra.

O resultado era de prever. A guerra começou por uma derrota geral. Um dia, que a cavallaria franceza descobriu a cavallaria austriaca, voltou redeas aos cavallos, sem combater, e desatou n'uma correria doida, gritando: «*Fugam, fugam. Salve-se quem poder.*» O pobre Dillon, que os commandava, quiz reuni-los, esforçou-se por os fazer marchar contra o inimigo. Agarraram-no e enforcaram-no.

Por toda a parte foi a mesma coisa. Os soldados do exercito tiveram noticia da presença do inimigo desataram a fugir como doidos. Debalde Biron e outros officiaes com algum brio tentaram reconduzi-los ao combate. Foi uma debandada geral, ficando as estradas cobertas d'espingardas, de sabres e de mochilas.

A guerra não podia começar com peiores symptomas. Os estrangeiros riam-se e troçavam, julgando certa a victoria.

Veremos como receberam um desgano cruel.

TRIGOS

Volta a discutir-se a questão dos trigos. A discutir-se, não. Quem discute essas ninharias em Portugal? Em Portugal só se discute a porca intriga dos bastidores da politica.

Não se volta a discutir a questão dos trigos porque nunca se discutiu, n'um paiz que come o peor pão das nações civilisadas, e o mais caro no mundo. Dois ou tres jornaes falaram n'isso, extranhando que o governo, sabendo ao certo o consumo do trigo, só consentisse uma importação miseravel, que mal chega para dois mezes.

O mez passado houve uma importação de trigo. Este mez ha outra. D'aqui a dois mezes haverá outra, com prejuizo do moageiro, e, portanto, do consumidor, que é quem paga sempre todas as differenças.

Não ha que admirar. Não estamos nós n'um paiz d'idiotas, que em tudo e por tudo se deixa explorar pelas oligarchias odiosas?

As questões de pão, e as questões de instrucção, são as mais graves na vida dos povos. Quem são amigos do povo que estudam essas questões, n'este terrão abençoado?

Entre os avançados somos nós os **unicos** que nos temos interessado por ellas a valer. Mas, por isso mesmo, temos a honra de ser profundamente detestados pelos dirigentes do **radicalismo** portuguez!

A valer, os **unicos**. Com verdade e orgulho o dizemos. Temos dedicado dezenas de artigos a essas questões.

Por agora, repetiremos que é facil de perceber o motivo porque o governo, inspirando-se nos **conselhos** do decantado Conselho do Mercado Central de Productos Agricolas, e do não menos decantado Conselho Superior d'Agricultura, anda a conceder importações de trigo **às pinguinhas**.

O grande proprietario quer estar sempre com as mãos livres para fazer o seu **contrabandinho**. Quer ter o moageiro sempre **ancioso** de trigo, para lhe exigir, por trigo proprio ou de contrabando, o preço que lhe aprouver. Quer que na occasião das novas colheitas os armazens dos moageiros estejam exgotados, sempre no proposito da ganancia feroz.

Não se trata de protecção á lavoura. Trata-se da mais desaforada ladroeira ao consumidor de que ha memoria nos tempos passados, e de que haverá memoria nos tempos futuros.

Se o consumo mensal de trigo é de vinte milhões de kilos, se em dezembro já não havia trigo nacional, se, estando este consumido, só o póde tornar a haver em agosto, porque não manda o governo importar por uma vez, perguntarão todos naturalmente, o trigo estrangeiro preciso para os gastos publicos durante nove mezes, em vez de o deixar importar apenas de mez a mez, ou de dois em dois mezes, com sobresaltos, hesitações e perdas de toda a ordem para o moageiro, que podendo comprar hoje o trigo mais barato no estrangeiro, poderá, como é provavel, compra-lo mais caro amanhã? Que podendo compra-lo por menos um real em grandes quantidades, o comprará por mais um real em pequenas quantidades? Que podendo escolher a melhor epocha para as suas compras e para os seus transportes, fica sujeito ás peores epochas e a contingencias de toda a ordem?

Porque? Porque o grande proprietario fica com o trigo de reserva. Porque faz quanto contrabando de trigo elle quer. Porque tem medo do moageiro, n'uma larga importação, importar trigo que lhe chegue até setembro, em vez de lhe chegar até julho.

Quando o moageiro vae para comprar trigo, o lavrador pede-lhe preço superior ao da tabella. Se o moageiro se queixa de que não póde comprar trigo por tal preço, o governo faz ouvidos de mercador. Se o moageiro ameaça que suspende a laboração da fabrica, o governo ameaça que não lh'a deixará abrir de novo e que mandará vir farinhas do estrangeiro. Se o moageiro se queixa de que o lavrador não faz os manifestos a que é obrigado por lei, o governo responde que vae averiguar e gasta tres mezes n'essa averiguação.

Conclusão fatal e tyrannica: o moageiro ha de comprar o trigo pelo preço que o lavrador quizer. Depois falsifica as farinhas. Depois faz todas as tramoias. E o consumidor, paga.

Isto é protecção á lavoura? Não. Isto é a mais desaforada ladroeira de que, repetimos, ha memoria nos tempos passados e de que haverá memoria nos tempos futuros.

Com sancção dos **patriotas** que andam a gritar por ahi contra a miseria do povo!

CAPITÃO LEITÃO

Não nos enganamos, quando suppunhamos que seria legitima a indignação de todos os republicanos contra o **Mundo**, que a cada passo faz largos reclames ao sr. general Baracho, e contra outros periodicos republicanos, pela fôrma quasi desprezível com que trataram na morte, depois de o terem esquecido na vida, o chefe militar da primeira jornada republicana, o desditoso capitão Leitão. O director d'este periodico tem recebido, de todos os pontos do paiz, cartas de felicitação pelas suas palavras de justiça sobre o morto e de protesto contra os vivos.

E, comtudo, fomos sempre nós o unico que nunca consagrou o 31 de janeiro.

Os outros, que tanto festejam esse anniversario, tanto esquecem as victimas que o acontecimento produziu!

Como toda esta sociedade portugueza está minada de iniquidades e de hypocrisias!

Emfim, para que não supponha ninguém que temos o minimo proposito de agredir, nada mais diremos sobre o assumpto, que aliás se prestava a largos e substanciosos commentarios.

Escrevem-nos que alguém tencionava reparar a injustiça nas proximas commemorações do 31 de janeiro, esperando que a imprensa do partido resgate então o erro enorme, além de iniquidade, que acaba de commetter.

Oxalá que assim seja.

Erro enorme, dizem bem. Nem o proprio partido republicano imagina o mal que lhe fez essa lamentavel attitude da sua imprensa, ou da grande maioria d'ella, ferindo profundamente, com a sua indifferença, ou o seu desprezo pela morte do capitão Leitão, o sentimento publico, sobretudo no exercito. Demais a mais em cima dos reclames constantes ao sr. general Baracho!

Dir-se-hia que o capitão Leitão apostatou, atraiçouoou, ou de qualquer fôrma deshonrou o seu ideal, ou a sua conducta, do 31 de janeiro para cá.

Se fosse assim, era dever da mesma imprensa diz-lo sem rodeios, para levantar os animos com a verdade e com a justiça, em vez de os deprimir com uma attitude que só poderia exprimir ingratitude, imbecillidade e iniquidade.

E' claro que dizemos isto só como mera hypothese, e não que nos conste que o capitão Leitão houvesse praticado em vida, depois do 31 de janeiro, o menor acto que envergonhasse as suas tradições e opiniões politicas.

Haja de futuro, se poder ser, mais tino e justiça.

E não voltaremos ao assumpto

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Compreae

A OSMOND

EM FRANÇA Cartas d'Algueres

27 DE JANEIRO.

Primeiro foi o general Pelloux. Depois foi o general André. Agora é o general Peigné. Que espectáculo que a camara republicana está offerecendo ao mundo!

O general Pelloux, quando tomou o commando do II corpo de exercito, que tem a sua sede em Nantes, recommendou energicamente aos seus subordinados obediencia ao regimen estabelecido, dizendo-lhes que não lhes era licito proceder contra a Republica, e que quem não se sentia com força para seguir essa conducta só tinha um recurso: retirar-se do exercito.

Como se vê, isto é a coisa mais regular do mundo. E' o que fazem os generaes e o ministro da guerra, a cada instante, em Portugal, e em todos os paizes monarchicos. E quem é republicano ouve, e cala, porque não tem nada a dizer. Se tem o direito de possuir idéas diferentes, não tem o direito de as sobrepor ás d'aquelles que representam o regimen constituido, ou que falam como seus defensores e executantes, partindo da hypothese de que defendem o regimen adoptado lealmente pela maioria da nação, ainda que assim não seja.

Pois em França, como temos dicto, a doutrina é outra. Quem no exercito francez falar em defender a republica, é corrido. E quem a atacar, é querido.

E' espantoso. Mas é assim. Contra o general Pelloux, pelas simples palavras que ficam citadas, porque não fez mais nada, levantou-se uma tormenta, a pretexto de que elle estava incitando os officiaes do exercito á delação!

Agora succede a mesma coisa, e pelo mesmo motivo, com o general Peigné, que entendeu não dever consentir que varios officiaes sob o seu commando se entregassem a escandalosas manifestações clericas.

Berra-se contra elle nos jornaes, e na camara. E ou o ministro da guerra o sacrifica, ou a camara sacrifica o ministro da guerra!

Ah! bons revolucionarios de 1793!

N'esse sentido é que são dignos d'estado os factos que estamos narrando nos nossos artigos editoriaes. Os reaccionarios de exercito francez são hoje os mesmos que eram antes de 1793. São hoje os mesmos que levaram a França a Sédan. São os que produziram a infamia Dreyfus. São os que, a pretexto d'esta infamia, não hesitaram em fazer os maximos esforços para envolver a França n'uma guerra com a Alemanha.

Para que o exercito francez se convertesse, em 1793, n'um grande exercito, foi preciso transportar com elle uma guilhotina para toda a parte, e subordinar os officiaes a um paizano, que dispunha dos commandos á sua vontade, como delegado do governo, fazendo funcionar a guilhotina livremente.

Não estamos a fazer historia fóra de proposito nos nossos artigos de fundo. Estamos a mostrar que o espirito reaccionario deu sempre os mesmos fructos no exercito francez, e que a França, ha cem annos para cá, só tem devido a sua salvação ao espirito democratico.

Unicamente!
Se não se acantelar, está perdida. Toda a gente, que estuda os assumptos militares, sabe que o exercito francez está longe, ainda, de ser um grande exercito. A questão Dreyfus demonstrou que os officiaes reaccionarios, de espirito acanhado, eram capazes de todas as infamias, e que a respeito de patriotismo estão como em 1870, e como estavam em 1792. Se a imbecillidade republicana da França, imbecillidade que parece ser geral nos partidos republicanos da Europa, continuar a sacrificar os poucos officiaes republicanos que existem no exercito á massa dos officiaes reaccionarios, a Republica e a França ficam sujeitas a todos os perigos e aventuras.

Os taes senhores republicanos da camara franceza chegam a causar indignação!

Rebentou a revolução na Russia. Estava prevista ha muito tempo.

Bloch, precisamente um russo, sustentou, no seu excellentissimo livro *La guerre*, e provou o com argumentos irrefragaveis, que nem a França, nem a Alemanha, nem a Russia, nem a Italia, mas sobretudo as tres primeiras, fugiram ao perigo da revolução, uma vez declarada a guerra e vencidas. Pelo que toca á Russia, está confirmado. E' até essa uma das razões em que se apoiam os partidarios da paz para concluir que o periodo das guerras, pelo menos na Europa, vai sensivelmente declinando. São muitos os perigos que d'ella resultam. E todos os governos, mais ou menos, recuam deante d'elles.

Contudo, mesmo sem a derrota da Russia, a revolução não se poderia demorar muito n'aquelle paiz. A Russia constitue um estado impossivel no seio da Europa. Já não se revolta contra elle sómente a opinião dos russos illustrados; é a opinião de toda a Europa. Ou antes, é a opinião de todo o mundo culto. Aquillo é impossivel. E' a vergonha da civilização moderna. Por isso mesmo não houve ainda revolução mais justificada.

Que, diga-se de passagem, está em muitas coisas superior a Portugal. O *Povo de Aveiro* tem o demonstrado por mais do que uma vez. O ensino, por exemplo, que é uma das melhores provas do estado social d'um povo, está mais espalhado na Russia do que entre nós, tanto nas classes inferiores como nas superiores. Em Portugal ha mais analfabetos do que na Russia. E as classes superiores da Russia são muito mais illustradas do que as classes superiores de Portugal.

O exercito russo apresentou-se agora mal instruido, mal commandado, mal disciplinado e mal armado, mas em relação ao da Alemanha ou ao do Japão. Ninguém terá em Portugal a ousadia de afirmar que o nosso esteja melhor. Ninguém terá a ousadia de afirmar, mesmo, que esteja igual. Está muito inferior.

O movimento industrial e commercial na Russia não se póde comparar ao movimento industrial e commercial entre nós. Na agricultura, é ainda manifesta a sua superioridade sobre nós. Onde não tem trigos e outras culturas arvenses tem pasto natural para as suas enormes manadas de gado de todas as especies, sobretudo cavallos.

Se não é a primeira nação na produção e exportação de cereaes, é a primeira quanto ao linho e quanto ao canhamo. Os campos de linho da Russia excedem em superficie os de toda a Europa e a sua produção total é superior a metade da produção de todo o continente.

A cultura da beterraba e da batata vai n'um crescendo espantoso.

Da sua enorme quantidade de gado resulta um extraordinario commercio de lãs e de carnes.

A sua riqueza mineira é consideravel.

A sua industria de coiros, mui-

to importante, a sua industria de pesca, não menos importante, tudo isso a colloca n'um grau elevado de civilização em relação a Portugal. Toda a Europa culta poderá olhar a Russia com desprezo, menos Portugal. Pelo contrario, não ha nação nenhuma que possa envergonhar Portugal senão a Russia. Porque, no fim de contas, tendo nós o chamado regimen liberal ha mais de setenta annos estamos, em progresso social, abaixo da Russia.

O regimen despotico na Russia tem produzido mais do que o regimen constitucional em Portugal.

Isto não são simples palavras. Se alguém quizer, não nos contentamos com o simples enunciado que ali fica. Provamos, desenvolvendo a these.

Não seja só clamar contra a vergonha que a Russia representa na civilização moderna. Reconheçamos que a nossa vergonha ainda é maior. Se a Europa não se levanta indignada contra nós, como se levanta contra a Russia, é porque nós somos tão pequenos, em tudo, que nem damos na vista, e porque ainda muita gente se illude por esse mundo fóra com o simples facto de nos proclamarmos um *paiz constitucional*.

Até a pequena circumstancia, na apparencia, de ser um padre o chefe da grande revolta da Russia demonstra a sua superioridade social e moral sobre nós. Em Portugal seria quasi impossivel apparecer um padre á frente de uma revolução, sem ter apostatado, por isso mesmo que o clero romano não tem espirito de patria, nem de liberdade.

O clero russo divide-se em duas classes: o clero negro (*tehernoë doukhouenstvo*) e o clero branco (*bieloë doukhouenstvo*). A primeira classe é a dos frades; a segunda é a dos popes. Dos frades, d'aquelles que entrem elles se distinguem ou que são membros da nobreza, é que sahem os altos dignatarios da igreja, bispos, arcebispos, etc. Dos popes sahem os curas, priores, diacones, subdiacones, arceprestes, etc. Os primeiros são celibatarios. Constituem, como o clero romano entre nós, um corpo verdadeiramente reaccionario. Os segundos não só podem casar-se, como são obrigados a isso. Tornam-se cidadãos, adquirindo na vida honesta e amorosa da familia sentimentos de patria e de liberdade.

O padre Gapony, apontado como chefe ardente da actual revolução russa, é pope.

Muito tempo, os popes constituiram uma especie de casta. Filhos de popes eram popes e só casavam com fillias de popes. Ha perto de cincoenta annos que isso acabou. Os filhos dos popes seguem as carreiras que lhes agradarem, as fillias dos popes casam com quem quizerem e qualquer extranho póde ser pope.

Até n'isso a Russia tem, repetimos, superioridade social e moral sobre nós. Lá, o seu clero regular constitue um corpo de cidadãos, que podem ter familia, por tanto amor á patria e á liberdade. Em Portugal, o clero é inimigo da patria e da liberdade, porque patria e liberdade subordinam-se a Roma, e os interesses de Roma não se harmonisam com os da liberdade.

Não queremos, dizer, porém, com o que fica exposto, que a revolução russa não seja justa, ou justificada. Não. E' justissima e justificadissima. Nem lá, nem em parte nenhuma, se póde admitir que um figurão, seja imperador ou seja o que fór, imponha os seus interesses, os seus caprichos, e os das oligarchias que os cercam, aos interesses d'um povo inteiro. Não, não. Esse privilegio de nascimento é o mais odioso e o mais nefasto de todos os privilegios. Não póde subsistir, não deve, em face do direito moderno. Não me admiro dos russos se revoltarem. Admiro me mas é de não se terem revoltado ha muito. Admiro me de quasi todos os povos da Europa deixarem subsistir esse privilegio, offensivo da dignidade humana, embora atenuado com umas certas formulas de soberania popular, mais ou menos falsas e sophismadas.

Vencerá a revolução da Russia? Não sei, nem ninguém o sabe. E' provavel que não vença ainda d'esta vez. As revoluções cahem quasi sempre vencidas na primeira investida. E é esta a primeira vez que a revolução na Russia se apresenta em fórma a combater. Mas se fór vencida hoje, será vencedora amanhã.

Que já esteja vencedora á hora de serem lidas estas linhas é o que nós mais desejamos.

A. B.

Obra importante

A absoluta falta de espaço não nos permitiu que em o numero passado nos referissemos a um importante melhoramento local, que foi approved na penultima sessão camara. Trata-se da construção do edificio destinado ás duas secções dos asylos-escolas que se vão construir ea viella do Jardim, que para isso vai ser alargada convenientemente, devendo a sua edificação não ir alem de 30 contos de reis.

Nós que estamos sempre ao lado dos que trabalham pelo engrandecimento da nossa terra, não podemos deixar de nos referir a este facto, com todos os louvores que merece o actual presidente do nosso senado, pelo esforço que imprimiu para a sua realisação.

Por tal motivo, foi lançado na acta um voto de muito louvor a s.º ex.º, voto a que nós nos associamos tambem, desejando que em breve se dê principio aos primeiros trabalhos preliminares.

A Revista

Recebemos o n.º 7 d'esta excellente publicação, que traz um bello artigo do nosso prezado amigo e distinctissimo escriptor, Bazilio Telles.

Inserer tambem artigos dos srs. Julio Moreira, Filinto d'Almeida, A. Luso e Joaquim de Araujo.

UM JUIZ INIQUO

Vae, enfim, sahir d'Aveiro o celebrado juiz Francisco Antonio Pinto, ao qual muitas vezes tivemos occasião de nos referir n'este periodico.

Este homem, com as suas paixões, os seus rancores, os seus favoritismos, é o verdadeiro symbolo da iniquidade, uma das peores fórmas da tyrannia. Alguns, querendo attenuar os seus defeitos, allegavam em seu favor a circumstancia de ser geralmente benevolo. Ora a benevolencia, tal qual a considera a *brandura dos nossos costumes*, queremos dizer: o relaxamento nacional, é já de si uma iniquidade. Quando o juiz, usando d'um recurso que a lei lhe concede, dá o jury *por iniquo*, é, em regra, por o jury ter deixado de fazer justiça sendo excessivamente benevolo. Era essa a benevolencia do juiz Pinto. Infelizmente, o jury não podia ter para com elle os poderes de que elle estava investido perante o jury. Se os possuísse talvez o houvesse dado por iniquo por mais do que uma vez, porque por mais do que uma vez veio para a rua clamar contra a sua formidavel iniquidade.

Francisco Antonio Pinto era, porém, benevolo apenas com os que lhe estavam recommendados pelos seus amigos. Com aquelles que, por qualquer circumstancia, lhe cahiam em desgraço, era ferozmente perseguidor. O homem, que absolvía criminosos da peor especie, condemnou a trinta dias de cadeia o editor d'este periodico, só por havermos chamado, n'um artigo insignificante, cavalgadas a umas cavalgadas indeterminadas. E tão iniqua foi essa sentença que a Relação do Porto a revogou.

O homem que não encontrou elementos de prova para condemnar os bandeiros que apedrejaram as janellas das casas dos cidadãos que só tem commettido o crime de prestar relevantes serviços á cidade, demonstrou o mais violento rancor contra o *Povo de Aveiro* quando este semanario foi levado aos tribunaes pelos poderes publicos por *offensas á religião do estado*. E tão iniqua era a conducta do juiz Francisco Antonio Pinto que a Relação do Porto, n'um processo de tal ordem, absolveu o *Povo de Aveiro*.

Isto diz tudo. Tudo? Não. Falta alguma coisa. Falta acrescentar que juiz Pinto procedia assim contra nós simplesmente por não sermos da panelinha dos seus amigos locais.

Francisco Antonio Pinto foi o homem mais rancoroso, mais faccioso, mais iniquo que se tem sentido em Aveiro na cadeira de juiz. E a Relação do Porto demonstrou-o emendando e revogando quasi todas as suas sentenças tyrannicas. E esta era a opinião dos proprios advogados, como em tempos demonstrámos aqui, antes d'esses advogados, a que nos referimos, se terem tornado corruptos.

E' caso para se dizer: Deus o leve para onde elle não faça perca.

Brindes

Da acreditada casa indiana do sr. José Julio Ferreira Bastos, rua Nova do Almada, 7, Lisboa, recebemos um bonito almanach (Brinde), para 1905, que muito agradecemos.

N'esta casa encontra-se sempre o bom café gentino, que é sem duvida uma das bebidas mais deliciosas, um alimento indispensavel, e um util restaurador das forças, que favorece a digestão e excita o espirito, conservando-o em plena actividade.

Tambem da acreditada casa «Camisaria Confiança», da rua de Santa Catharina, Porto, recebemos um elegante calendario, que agradecemos.

VENDE-SE um fogão grande quasi novo, duas fornalhas e duas estufas.

Para tratar padaria Ferreira, aos Arcos.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medica de Porto
Cirurgião do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 55000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo autor:

LITTERATURA

Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga. 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes de estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO=79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

ou

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdóavel—vergonhoso até!—não possuir.
 Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.
 E em todas as livrarias.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS A VEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 18600 a 38600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinã, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.
 RUA DA COSTEIRA
 (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congêneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTHYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réis para vedações, alvaiaes, vernizes, drogas, tintas preparadas e massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO